

Colóquio internacional / Colloque international

Mulher(es) e poder(es) / Femme(s) et pouvoir(s)

Université de Genève

Data: 23, 24 e 25 de abril de 2020

Organização:

CEL (centre d'études lusophones) e CHAM (centro de humanidades)

Organizadores: Nazaré Torrão, João Paulo Costa, Ana Maria Martinho

Passámos de uma história que silenciava completamente o papel das mulheres para conseguir estabelecer um ramo da história que se ocupa da mulher e, atualmente, num âmbito mais vasto, de género. Ao longo desse caminho colocou-se a questão da existência de uma história das mulheres e, num segundo passo, esta foi integrada na história das marginalidades e das minorias: dos pobres e dominados, dos colonizados, dos negros, dos homossexuais... É todavia uma margem muito numerosa: metade da população mundial! Desde os anos 1970 as pesquisas sobre o tema trouxeram-no para a vida académica, ainda que lutando contra a relutância que a conquista de um lugar igual para as mulheres sempre causou e continua a causar. A luta teve três vertentes: fazer aceitá-las como atoras da história, como tema de pesquisa e como pesquisadoras¹.

Consequência do apagamento de que foram vítimas durante muito tempo pouco se soube do seu papel na história e, fruto da discriminação que sofreram e sofrem em muitas sociedades do mundo, a sua condição social sempre foi pior do que a do homem, não tendo sequer muitas vezes o poder de decisão sobre as suas próprias vidas, submetidas a pais, maridos e irmãos. Por conseguinte, o poder político, económico e religioso, foi-lhes vedado quase sempre e em quase todos os lugares ou, quando exercido, não teve o mesmo reconhecimento institucional que o dos homens. O tema continua a ser de atualidade, pois tanto na política, como na economia, na magistratura ou na religião, as mulheres continuam a ser minoritárias, em todos os países (ou mesmo excluídas), mesmo nos mais progressistas na sua legislação sobre a igualdade dos géneros. Isso porque Simone de Beauvoir continua a ter razão e a mulher continua a ser vista como alteridade em relação à norma – o homem: « La femme se détermine et se différencie par rapport à l'homme et non celui-ci par rapport à elle; elle est l'inessentiel en face de l'essentiel. Il est le sujet, il est l'Absolu : elle est l'Autre. »

A situação social da mulher melhorou muito ao longo do século XX, no entanto a luta social das mulheres continua, pois ainda não se conseguiu obter satisfação à mais emblemática e simples das reivindicações: “Salário igual para trabalho igual”. Com efeito, se se podem justificar os salários superiores dos homens pelo seu maior número com qualificações superiores e em postos de chefia, continua a haver uma média salarial inferior para as mulheres com uma diferença de ganhos importante inexplicada, tanto no setor privado como também no público. Assim, o acesso das mulheres ao poder tornou-se, pelo menos em aparência, uma meta social a atingir, símbolo de mudança progressista e esperança de uma mudança maior no sentido da igualdade.

¹ THÉBAUD, Françoise, (2007) *Écrire l'histoire des femmes et du genre*. ENS Éditions.

Contudo a que nos referimos quando falamos de poder? Já referimos o poder político, económico e religioso, mas, ainda que importantes, estes não esgotam a noção de poder. A presença da mulher na sociedade e a influência que nela exerce revestem outras formas: exprimir-se publicamente², a expressão literária e artística, o poder de influência em variadíssimos domínios e ainda na única esfera a que o poder feminino é frequentemente associado ao longo da história e na maioria das culturas – a família e a casa.

A questão do poder é, pois, ambígua. Para se ter poder, tem que se poder imaginar tê-lo, como diz Virgílio “Eles podem porque pensam que podem” e à mulher esse pensamento esteve-lhe vedado durante muito tempo. Que ficou dessa negação ancestral do poder feminino? Soube adaptar-se e escolher outros caminhos, tortuosos, para o exercer? O poder exercido no feminino tem a mesma natureza que o poder exercido pelos homens? As mulheres desejam o poder? Para quê? Muitos dos estudos de sociologia sobre o tema revelam que a maioria das mulheres tem uma imagem negativa do poder, associando-o a solidão e a tramas e intrigas pouco dignificantes³. Por outro lado, a mulher com poder ou desejo de poder é frequentemente malvista pela sociedade⁴, contrariamente ao homem, e com necessidade de se justificar pela posição que ocupa. A sua vida privada é dissecada, a sua aparência é sobrevalorizada em relação às suas ações e as suas motivações não são vistas como nobres nem legítimas a não ser que se norteiem pelo sacrifício pela comunidade ou família.

Apesar de tudo, a história regista várias mulheres que, aproveitando de circunstâncias diversas e por força de vontade própria, conseguiram contrariar o destino e atingir o poder político, económico ou outro.

Neste colóquio internacional pretendemos tratar numa perspetiva transdisciplinar a questão da(s) mulher(es) e do(s) poder(es), ao longo da história e no presente, nos países de língua portuguesa.

Eixos a abordar:

A mulher face ao poder (de estado, religioso, económico, masculino)

Mulheres de poder

A escrita (de mulher) como contestação ao poder

A arte (realizada por mulheres) e o poder

Empoderamento feminino e luta social de classes

Vida privada e vida pública – o poder escondido

O poder de influência

Línguas do colóquio: português, francês

3 dias de trabalho

² A esse respeito é muito interessante a obra de Mary Beard, *Les femmes et le pouvoir. Un manifeste*, Paris: Perrin, 2018 (traduzido do inglês, *Women & Power. A manifesto*, 2017).

³ Viviane de Beaufort, « Femmes et pouvoir : le grand tabou », https://www.huffingtonpost.fr/viviane-de-beaufort/femmes-pouvoir-grand-tabou_b_3946724.html, consultada a 22.07.2019.

⁴ THÉBAUT, Françoise, (2007) *Écrire l'histoire des femmes et du genre*. ENS Éditions, p. 37.

Duração das comunicações: 20 minutos, seguidas de 10 minutos de discussão

Comissão científica:

João Paulo Costa (CHAM, Universidade Nova de Lisboa)

Ana Maria Martinho (CHAM, Universidade Nova de Lisboa)

Nazaré Torrão (CEL – Centre d'Études Lusophones e Unité de Portugais, Université de Genève)

Alexander Keese (Département d'Histoire Générale, Université de Genève)

Isabel Araújo Branco (CHAM, Universidade Nova de Lisboa)

Maria Dávila (CHAM, Universidade Nova de Lisboa)

Por favor, enviar as propostas de comunicação com um título, resumo entre 200 e 350 palavras, nota biográfica, até 10 de janeiro, para Nazaré Torrão, Ana Maria Martinho e João Paulo Costa.

Nazaré Torrão – Nazare.Torrao@unige.ch

Ana Maria Martinho – ana.martinho@fcsb.unl.pt

João Paulo Costa – jpcosta@fcsb.unl.pt